

DÍALOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Tatiana Santos de Souza (FURG)

taty100481@gmail.com

Sweder Souza (UTFPR)

swedersouza@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva fazer uma síntese teórica sobre as mudanças que ocorreram com a história e que acabaram possibilitando a aproximação entre duas disciplinas: história e literatura. A partir do movimento dos *Annales*, principalmente na terceira geração, e por seguinte, a nova história cultural, considerada por alguns como a quarta geração, sendo esta herdeira dos *Annales*. Assim, a literatura começou a ser reconhecida como fonte na construção do saber histórico, ocorrendo, de certa forma, um entrecruzamento entre ambas.

Palavras-chave: Literatura e história. História da literatura. Literatura histórica.

1. *Introdução: o nascimento da literatura como fonte histórica*

A história, desde o movimento dos *Annales*, fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, vem sofrendo grandes mudanças e surgimento de novos paradigmas, ou seja, repensando as formas e objetos de estudos para se escrever e estudar a trajetória e as relações sociais dos agentes históricos da sociedade em geral. Considerados os precursores deste movimento e integrantes da primeira geração dos *Annales* (1920-1945) segundo Peter Burke:

Fazer outra história, na expressão usada por Lucien Febvre, era, portanto, menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiriam ao historiador ampliar sua visão do homem. (BURKE, 1991, p. 4)

Assim, a partir deste movimento a história adquiriu novos meios para compreensão do passado. Inicia o processo de interação com outras ciências, interligando novo saberes, novas formas de abordar a história. Partindo deste pressuposto, inicia-se o processo do surgimento de uma nova história que se utiliza de novos objetos e fontes históricas, conforme José Carlos Reis: “[...] essa influência das ciências sociais fez com que a história rompesse com uma longa tradição e se renovasse comple-

tamente. [...]” (REIS, 2010, p. 92). A história ao renovar-se não está negando tudo que já foi feito, mas sim lançando um novo olhar sobre o passado, mudando os objetos, criando um problema para eles, fugindo da história narrada.

Fernand Braudel sucessor de Lucien Febvre, após sua morte, faz parte da segunda geração dos *Annales* (1946-1968). Para Peter Burke,

Para muitas pessoas, a nova história está associada à Lucien Febvre e a Marc Bloch, que fundaram a revista *Annales* em 1929 para divulgar sua abordagem, e na geração seguinte, a Fernand Braudel. Na verdade, seria difícil negar a importância do movimento para a renovação da história, liderado por esses homens. (BURKE, 1991, p. 17)

Fernand Braudel, representante da chamada segunda geração dos *Annales*, assim como Lucien Febvre e Bloch, foi grande contribuinte nas mudanças na forma de pensar a história, com ele surge à história quantitativa, privilegiando aspectos econômicos e demográficos. A terceira geração dos *Annales*, iniciada em 1968 e fundada por Jacques Le Goff e Georges Duby, foi um movimento de abrangência de temas, ou seja, a partir desse movimento surgiu à história das mulheres, sendo ela a primeira a incluir a mulher como protagonista na história, como afirmou Peter Burke:

A terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christiane Klapisch, que trabalhou sobre a história da família na Toscana durante a Idade Média e o Renascimento; Arlette Farge, que estudou o mundo social das ruas de Paris no século XVIII; Mona Ozouf, autora de um estudo muito conhecido sobre os festivais durante a Revolução Francesa; e Michèle Perrot, que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher (Klapisch, 1981; Farge, 1987, Ozouf, 1976, Perrot, 1974). Os historiadores anteriores dos *Annales* haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionado as mulheres de tempo em tempo, desde Marguerite de Navarre chamadas bruxas. (BURKE, 1991, p. 56)

Portanto, a citação acima mostra que a terceira geração dos *Annales* contribuiu nas construções historiográficas, principalmente, no que tange a história daqueles sujeitos silenciados, que assim como os demais, são portadores de historicidade e fazem parte da sociedade, além disso, a terceira geração preocupou-se em evidenciar a história da vida privada, da sexualidade, da micro-história etc. Todas essas mudanças que ocorreram ao longo dos *Annales*, mudanças de paradigmas, discussões, relações com as ciências sociais, possibilitaram para história o surgimento de uma nova vertente histórica, a nova história cultural.

A nova história cultural tem como premissa os estudos culturais de todos os sujeitos históricos, isto é, incluindo as massas da sociedade, os ditos excluídos da história. Como já foi exposta anteriormente, desde a terceira geração dos *Annales* a história está resgatando e evidenciando novos atores sociais, novos perante a escrita, pois sempre estiveram e fizeram parte da história. A história cultural permitiu a liberdade para o historiador, ou seja, ela possibilita ao historiador recorrer a qualquer tipo de fonte, sejam elas filmes, literatura, diários, imagens, etc., portanto, na história cultural tudo é fonte.

Para Sandra Pesavento:

Este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à história cultural: a renovação das correntes da história e campos de pesquisas, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes. Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação, até então não visualizada como aproveitável para história, ou então a revista de velhas fontes iluminadas por novas perguntas. (PESAVENTO, 2012, p. 69)

Como vemos, a história cultural abriu um leque de novas possibilidades de pesquisa, novos objetos, novas fontes, que anteriormente estavam ocultas. Atualmente, o historiador tem a liberdade e oportunidade de recuperar os registros do passado seja qual for sua fonte, sempre com o compromisso da verdade, mesmo esta não sendo única e absoluta.

A nova corrente historiográfica história cultural, possibilita ao historiador, “[...] decifrar realidade por meio das representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens se expressaram a si próprio e o mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 42). Cabe, portanto, ao historiador debruçar-se sobre as fontes e decifrá-las, com todo cuidado, as minúcias, as pistas deixadas pelo homem durante sua trajetória no passado. Ao analisarmos uma fonte, independente do seu tipo, deve-se ficar atento aos detalhes, o historiador deve atuar como um detetive atento a todos os aspectos. Esses detalhes serão a garantia do sucesso do historiador, serão eles que vão lhe trazer a verdade sobre o fato pesquisado.

Na história cultural, tudo é fonte, e, como diz Sandra Pesavento: “[...] pode ser considerada, hoje, uma história sem fronteiras, com difusão mundial” (PESAVENTO, 2012, p. 99), de fato essa corrente teórica está aberta a todo o tipo de história, o que lhe permite ser ampla e atingir

grande repercussão, atualmente a escrita acadêmica e pesquisas tiveram um aumento significativo, por conta da diversidade de temas.

Apesar dessa corrente historiográfica ter cada vez mais conquista-do historiadores e aumentando o número de escritas e pesquisas, ela, por sua vez, tem que ser utilizada com cuidados e, assim como tem o lado positivo e traz benefícios para história, possibilitando ao historiador abordar um leque de temas, possui alguns desafios e riscos.

De acordo com Sandra Pesavento,

[...] o historiador é um viajante no tempo, e neste ponto é que se revela a dificuldade do acesso aos sentidos do passado. Admitindo que o mundo se apresenta cifrado, que o simbólico obriga a ver além do que é mostrado e dito, este desvelamento ou descoberta é uma empresa arriscada. (PESAVENTO, 2012, p. 117)

Conforme a citação acima, o distanciamento temporal entre o historiador e seu objeto se configura em um risco, pois cabe a ele descobri-lo, levantar o véu que oculta a sua fonte, usando de todo o conhecimento e leituras. Além disso, o historiador tem como seu principal desafio, a subjetividade, ou seja, a história cultural incorporou a subjetividade do historiador, assunto que foi muito discutido e anulado na escrita da história no seu princípio.

Contudo, a história cultural possibilita aos historiadores embarcarem em uma aventura, que apesar da sua liberdade, tem seu rigor, suas exigências, seus métodos, suas teorias, e exige muita leitura e conhecimento. Essa aventura faz com que a busca constante do conhecimento e a compreensão sobre o passado esteja sempre em renovação.

Assim, tentou-se compreender como foi o processo de aproximação da história com outras áreas do conhecimento, através das suas mudanças de paradigmas e, além disso, o processo que permitiu que a história, hoje, tenha capacidade de escrever e, pesquisar diferentes temas, incluindo outras áreas do conhecimento, como no caso da literatura, para sua reconstrução do passado.

2. *História fictícia e literatura histórica*

Quando falamos em literatura, é praticamente inevitável pensarmos em ficção, algo que é meramente inventado, que não tem compromisso com a verdade e pode romper com as fronteiras do real e do imaginário. Imaginemos falar que história é ficção, uma afirmação um tanto

arriscada para os estudiosos e pesquisadores desta área. Porém, com a história cultural, isso é possível, como afirma Sandra Pesavento: “Tal postura introduz a concepção de outro conceito, que se insere neste novo patamar epistemológico que preside o surgimento da história cultural: o da *ficção*”. (PESAVENTO, 2012, p. 52)

Conforme a citação acima, podemos pensar a escrita da história como ficção, o seu discurso é embasado na verdade do passado, mas é algo extraído do seu imaginário, o historiador usa o seu imaginário e sua subjetividade na escrita histórica, isto é, ele se utiliza da ficção.

Esta afirmação de que a história produz ficção vem causando embates e discussões, sobre a perda da legitimidade da história como ciência.

Sandra Pesavento nos diz que

Ora, a questão de admitir que a ficção na escrita da história implique aproximá-la da literatura, e para alguns autores, retirar-lhe o conteúdo da ciência! A história seria, assim, rebaixada de estatuto, abdicando do seu direito de enunciar a verdade. (PESAVENTO, 2012, p. 52)

A história não perderá sua legitimidade perante a ciência, pois continua tendo seu compromisso com a verdade e com os métodos. A narrativa história é muito bem fundamentada com base nas pesquisas rigorosas, muita dedicação e análises profundas dos vestígios do passado. Desta forma, a ficção presente na escrita do historiador não diminui o seu valor como verossímil e como ciência.

Para Paul Ricouer, “[...] pode-se dizer que a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia” (RICOUER, 2010, p. 325). Portanto, a história e a ficção estão entrecruzadas. A história apresenta os fatos históricos sobre uma análise do passado, e através da escrita transmite para o leitor. A sua escrita foi embasada em algo que ocorreu e que foi expressa através das fontes e documentos utilizados pelo historiador. Essa narrativa produzida tem a presença da ficção fazendo com que a história ganhe vida diante dos olhos do leitor.

2.1. Ficção histórica

A ficção histórica relata o irreal embasado em fatos históricos, o escritor é fruto do seu tempo e, assim como o historiador, não se afasta da sua subjetividade. Por conta disso, muitas vezes, quando fazemos a leitura de uma obra literária é como se estivéssemos em um determinado lugar do passado, como se, através do irreal, o real emergisse.

Conforme Paul Ricouer, “[...] é porque se parece com acontecimentos passados que a ficção parece história” (RICOUER, 2010, p. 325). Então, a ficção, mesmo que não tenha o compromisso com a verdade, é verossimilhante, assim como a história: “[...] história e literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a história tem a pretensão de chegar ao real acontecido”. (PESAVENTO, 2012, p. 55)

Dessa forma, o compromisso que a história tem, muitas das vezes se compara a veracidade, mas o que ela realmente se propõe a fazer é aproximar-se o máximo possível do acontecido.

Na opinião de Sandra Pesavento:

Mesmo assim, a expectativa do historiador e, por certo, do leitor de um texto de história, é de encontrar nele algo de verdade com o passado. O discurso histórico, portanto, mesmo operando pela verossimilhança e não pela veracidade, produz um efeito de verdade: é uma narrativa que se propõe como verídica e mesmo se substitui ao passado, tomando o seu lugar. (PESAVENTO, 2012, p. 55)

Todavia, a narrativa histórica produzida sobre os cuidados atentos do historiador, em busca da máxima semelhança com o passado e atenção ao reproduzir aquilo que as fontes e documentos dizem, faz com que ele tenha um compromisso maior com o leitor, apesar de não ser possível chegar ao ápice, que é a verdade, ele consegue aproximar-se do verossímil. A sua bagagem de leitura e de conhecimento, irão propiciar ao historiador uma narrativa histórica com relevância, além de possibilitar conexões e intercruzamentos com outras áreas do saber.

3. *Relação entre história e literatura*

A relação entre história e literatura norteou as discussões na história cultural, de acordo com Sandra Pesavento:

Para a história cultural a relação entre história e literatura se resolve no plano epistemológico, mediante a aproximação e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. (PESAVENTO, 2012, p. 80)

Conforme a citação acima, as discussões sobre a relação história e literatura tiveram sua solução a partir do plano epistemológico, ou seja, através do conhecimento de ambas e de suas similitudes e discrepâncias, podemos entender quais as formas de aproximação e distanciamentos, sendo elas portadoras de formas diferentes de ver e escrever o mundo.

Logo, história e literatura têm em sua configuração diferentes formas de desvendar o mundo, sendo assim, “[...] ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro [...]” (PESAVENTO, 2012, p. 81). Nesse sentido, começamos a elucidar a relevância que a literatura tem para história, sendo ela capaz de explicar o tempo passado de um modo diferente, ao olhar do historiador, porém um olhar lúcido e lúdico para com sua pesquisa.

Conforme ensina Sandra Pesavento,

Vale-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativa os fatos dos quais se propõem falar. São ambas as formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens de cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. Isso tudo diz respeito às aproximações que unem a história e a literatura. (PESAVENTO, 2012, p. 81)

Como podemos ver na citação acima, tanto a história quanto a literatura têm suas formas de representar determinadas ações de uma época, independente de ser presente, passado ou futuro. Cabe ao historiador historicizar a sua fonte, que neste caso é o uso da literatura, sendo capaz de produzir uma escrita histórica fictícia ou uma ficção histórica.

Para tal, segundo Sandra Pesavento,

Nessa medida, é a história que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto a literatura opera como fonte. A literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões formuladas pelo historiador. Não se trata, no caso, de estabelecer uma hierarquia entre história e a literatura, mas sim precisar o lugar de onde se faz a pergunta. (PESAVENTO, 2012, p. 82)

Portanto, a literatura é utilizada pela história como fonte, é através dela que as respostas para as problemáticas geradas pelo historiador, serão esclarecidas, assim, a história projeta as perguntas e a literatura fornece a resposta.

4. Considerações

Quando se coloca a história à frente das questões, não é uma forma de criar e limitar o espaço da literatura e sim apresentar o lugar de onde surge a pergunta para o passado. Haja vista que a “[...] literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão” (PESAVENTO, 2012, p. 82), sua atuação no campo da história é de grande relevância para o historiador, permitindo ao pesquisador um olhar diferenciado, além dos documentos

e fontes tradicionais, tirando o olhar do estado de estagnação do historiador.

Sendo assim, "A literatura permite o acesso à sintonia fina ao clima de uma época, ao modo pela qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos". (PESAVENTO, 2012, p. 82)

Assim, conforme a citação de Sandra Pesavento, a literatura retira o véu dos olhos do historiador. Dessa forma, ela permite que outras formas de compreender o passado sejam reveladas. Em busca desta revelação, muitas vezes, "o historiador se depara, forçosamente, com a necessidade de pensar o estatuto do texto e realizar cruzamentos entre os dois discursos, em suas aproximações e distanciamentos" (PESAVENTO, 2012, p. 84), ou seja, quando se utiliza a literatura como fonte, se torna necessário o cruzamento entre a história e a literatura, os dois discursos têm que estar juntos.

Pois, para o historiador o que realmente ele busca é o tempo em que a narrativa foi escrita.

Por outro lado, a literatura é fonte de si mesma. Ela não fala das coisas ocorridas, não traz nenhuma verdade no acontecimento, seus personagens não existiram, nem mesmo os fatos narrados tiveram existência real. A literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que nos dá pistas sobre a escolha do tema e do enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas da época. (PESAVENTO, 2012, p. 83)

Conforme a citação acima, a literatura, apesar de ser fictícia e não possuir compromisso com o real, através do seu escritor, consegue expressar peculiaridades do período no qual o produtor da narrativa está inserido, pois, sendo ele fruto do seu tempo e, por conseguinte, portador de ideologias, culturas e valores que norteiam sua vida na sociedade e, juntamente com sua subjetividade intrínseca, é possível compreender a história a partir da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

PESAVENTO, Sandra. *História & história cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.